

ANC
P M

O Bolero de Ravel

22 MAR 1988

Felix de Athayde

“O Bolero de Ravel marcou sua originalidade, no repertório clássico, por ser obra de um só movimento, que lança mão, interminavelmente, da mesmíssima idéia. De tão singular, a música assume um caráter quase hipnótico. A primeira vez em que ela abandona esse padrão é para acabar logo em seguida: a mudança é sinônimo do fim.”

Assim um musicista me define o Bolero de Ravel, aquele som que se repete sempre, como promessa de candidato a cargo eletivo. E a definição vem a calhar, politicamente. O mandato do Presidente Sarney é tal e qual, obra de um só movimento, “que lança mão, interminavelmente, da mesmíssima idéia”: cinco anos, cinco anos, cinco anos. De tão repetitiva, “assume um caráter quase hipnótico”.

Parece disco arranhado, mas o disco não está arranhado. Só tem isso gravado. É um só movimento, repetitivo, enjoativo, cansativo. E Sarney não põe outro disco na vitrola, é só este: cinco anos, cinco anos, cinco anos. Arre! O país está parado? Que importa? Só cinco anos importam. A inflação disparou? Que importa? Só cinco anos importam. O povo passa fome? Que importa? Só cinco anos importam.

E, assim, passa-se o tempo de Sarney, sem Sarney fazer nada. Porque não pode fazer nada se não lhe derem cinco anos de mandato. E se lhe derem, já passaram três anos e picos sem ele fazer nada. A indefinição do mandato é a égide da incompetência de Sarney. Enquanto isso, ele desgoverna por música, música de Fundo, bem sonante.

Mais ênfase neste artigo: o Brasil todo é um bolero de Ravel. Toda vez que a crise (é sempre a mesma, com movimentos de sístole e diástole) aperta, os “músicos” (inclusive “pianistas”) propõem sempre a ditadura como solução. Aham — os ingênuos, os ignorantes, os autoritários — que tirar liberdade do povo resolve crise. A solução preconizada é sempre um movimento... armado. O bolero do autoritarismo.

Que mal pergunte, batuta: por que não conceder mais liberdade ao povo (sociedade)? Muitos nós da crise são intrincados por falta de liberdade. Mais liberdade e o povo encaminhará, satisfatoriamente, a solução da crise, qual nenhuma socieda-

de fechada conseguiu resolver. Mas, no Brasil, as elites privilegiadas forçam crise toda vez que um privilégio é ameaçado. Mais cidadania é a solução.

Além disso, isto: como disse o ministro da Marinha, almirante Sabóia, “em tempo de mar grosso, é preciso ter uma tripulação competente, capaz de conduzir a nau a porto seguro, a despeito das condições do barco”. E isto nos falta. A tripulação é incompetente, incapaz de conduzir a nau a porto seguro. É uma tripulação que “teixeira” a nau. Com ela, “a inflação poderá chegar a um índice insuportável”, se já não chegou. Em tempo: a economia é o reduto do autoritarismo.

Que acontecerá se a Constituinte der quatro anos de mandato a Sarney? Não acontecerá nada. Pode acontecer que o PMDB perca as próximas eleições e alguns apaniguados de Sarney percam o emprego. Só isso e não é muito. Os que ameaçam com cinco anos (ou quatro estrelas) apresentam a crise como empecilho para a realização de eleições este ano: agravamento da crise, catástrofe.

Isso é bobagem. A catástrofe é Sarney. Eleições são a solução legal para a crise. Ninguém pode prever o que acontecerá se Sarney ficar mais tempo na presidência. Ai, então, qualquer solução será desastrosa, será ilegal, será custosa, será criminoso. Hoje, há solução legal para a crise; amanhã, não haverá.

A nau encalhou e “navegar é preciso”.

O tempo de mandato não é tão importante quanto a crise. Não se gaste massa cinzenta com o tempo de mandato. Este assunto (questão de lana caprina) só interessa aos seis botões de Sarney; ao povo (à sociedade) deve interessar é a solução da crise. Primeiro, e sempre, resolve-se a necessidade, depois se cuida dos arabescos jurídicos. Importante é a vida, o Direito não pode nunca ser autoritário, tem que se adaptar à realidade. E o que é real em tanta realidade? A crise.

E mais: se vingar a idéia de se fazer plebiscito sobre o sistema de governo (parlamentarismo ou presidencialismo), faça-se também plebiscito sobre a duração do mandato. Talvez, os constituintes não sejam favoráveis ao mandato de quatro anos para Sarney, mas o povo é.

Voa uma esperança: no Bolero de Ravel, “a mudança é sinônimo do fim”.

JORNAL DO BRASIL